

# JON FOSSE

manhã e noite



cavalo de ferro

Mais água quente, Olai, diz a velha parteira Anna

Não fique aí especado à porta da cozinha, diz ela

Não, desculpe, diz Olai

e sente um calor e um frio que alastram por toda a pele e o fazem arrepiar-se e a alegria que atravessa todo o seu ser assoma-lhe aos olhos na forma de lágrimas enquanto se apressa em direcção ao fogão e começa a deitar conchas de água fumegante numa tigela de madeira, água quente, sim, é disso que ela precisa, pensa Olai, e deita mais conchas de água quente na tigela e ouve Anna a parteira dizer que provavelmente já chega, sim, deve chegar, diz ela, e Olai ergue os olhos e ali está Anna a velha parteira postada a seu lado e ela pega na tigela

Eu levo, eu mesma trato disso, diz a velha parteira Anna

e depois do quarto vem um grito abafado e Olai olha a velha parteira Anna nos olhos e acena-lhe com a cabeça e a boca dele enquanto está ali parado abre-se num sorriso amplo

Já não falta muito, diz a velha parteira Anna

Se for rapaz chamar-se-á Johannes, diz Olai

Veremos, diz ela

Johannes, sim, diz Olai

Como o meu pai, sim, diz ele

Sim, é um bom nome, diz a velha parteira Anna e do quarto vem um outro grito, mais sonoro agora

Paciência, Olai, diz a velha parteira Anna

Paciência, diz ela

Está a ouvir-me?, diz ela

Tem de ter paciência, diz ela

É pescador, sabe que o barco não é lugar para mulheres, não sabe?, diz ela

Sim, sim, diz Olai

Pois o mesmo se aplica aqui aos homens, sabe o que acontecerá?, diz a velha parteira Anna

Sim, má sorte, diz Olai

Exactamente, má sorte, sim, diz a velha parteira Anna

e Olai vê Anna a velha parteira encaminhar-se de imediato para a porta do quarto segurando a tigela de água quente à sua frente de braços esticados e depois Anna a velha parteira pára diante da porta do quarto e volta-se na direcção de Olai

Não fique aí especado, diz a velha parteira Anna

e Olai assusta-se, poderá o simples facto de estar aqui parado sem intenção alguma trazer má sorte? não, seguramente não foi isso que ela quis dizer, e será que agora alguma coisa má lhe acontecerá a ela, a Marta a mulher que ele tanto ama e honra e respeita, a sua amada, a sua mulher, será que agora alguma coisa, não, não pode

Feche a porta da cozinha, Olai, e sente-se na sua cadeira, diz a velha parteira Anna

e Olai senta-se a uma extremidade da mesa da cozinha e repousa os cotovelos no tampo e põe a cabeça sobre as mãos e ainda bem que levou Magda para casa do irmão hoje, pensa Olai, quando foi buscar Anna a velha parteira no seu barco a remos passou primeiro em casa do irmão para aí deixar Magda apesar de não totalmente convencido de que seria a coisa certa a fazer, pois é quase uma mulher feita, Magda, os anos passam tão depressa, mas Marta pediu-lho, quando chegasse o momento e ele fosse buscar Anna a velha parteira no seu barco a remos teria de levar Magda consigo para que ela ficasse em casa do irmão dele durante o parto, era ainda muito nova para aprender tão explicitamente o que a esperava quando atingisse a idade adulta, dissera-lhe Marta, e ele viu-se obrigado a fazer o que ela lhe disse para fazer, claro, ainda que gostasse muito de ter Magda em casa agora, sempre se mostrou uma rapariga inteligente e sensata e boa em tudo o que faz, coube-lhe em sorte uma boa filha, pensa Olai, mas depois parecia não estar nos planos de Deus Nosso Senhor conceder-lhes mais filhos, Marta não voltou a engravidar e os anos passaram e eles acabaram por se conformar com a ideia de que não teriam mais filhos, as coisas são mesmo assim, era esse o destino que lhes estava traçado, diziam eles, e agradeciam a Deus Nosso Senhor a vinda de Magda porque se nem ela lhes houvesse sido dada, não, teria sido triste e solitário para eles aqui em Holmen, na ilha onde viviam, e na casa que ele próprio construía, os irmãos e os vizinhos haviam ajudado, claro, mas fora ele quem fizera a maior parte do trabalho, e quando pediu Marta em casamento Holmen já lhe pertencia,

comprara-a por pouco dinheiro e planeara tudo, onde deveria construir a casa deles, pensara nisso, teria de estar abrigada do vento e das tempestades, e onde deveriam ficar o barracão para o barco e o atracadouro, pensara nisso também, também precisaria deles, não é verdade, e a primeira coisa que construiu foi o atracadouro, numa enseada calma voltada para terra, bem abrigada do vento e das tempestades do mar a oeste de Holmen, sim, e a seguir construiu a casa, talvez não especialmente grande nem confortável mas razoável e agora, agora Marta estava ali deitada no quarto prestes a dar-lhe finalmente um filho, agora o pequeno Johannes estava prestes a nascer, tinha a certeza disso, pensou Olai, ali sentado a uma extremidade da mesa da cozinha, na sua cadeira, de cabeça apoiada nas mãos, desde que nada corra mal agora, desde que Marta tenha um parto tranquilo, traga a criança ao mundo, desde que a criança, que o pequeno Johannes, não fique dentro da barriga de Marta nem que um sobreviva ao outro, nem o pequeno Johannes nem Marta, desde que o que aconteceu à sua mãe naquele dia terrível não aconteça agora a Marta, não, imaginar sequer tal coisa é demasiado insuportável, pensa Olai, pois têm sido tão bons um para o outro, Olai e Marta, desde o primeiro momento que se amam, pensa Olai, mas agora? ser-lhe-á Marta levada agora? poderia Deus ser tão cruel para com ele? não, Deus certamente não que- reria isso, não, mas que Satanás rege este mundo tanto quanto o bom Senhor é coisa de que Olai nunca duvidou, provavelmente será regido sobretudo por um deus menor ou pelo próprio mal, este mundo, mas não inteiramente, pois o bom Senhor

também existe, as coisas são mesmo assim, pensa Olai, ali sentado à extremidade da mesa da cozinha na sua cadeira e apoiando a cabeça nas mãos, não, o bom Senhor tem sido misericordioso para com ele, até agora, ele tem sido imensamente feliz e tem amado a mulher e a filha Magda, não tem nenhuma razão de queixa, não, desde que tiveram Magda não havia queixas a fazer do destino, só graças a dar a Deus Nosso Senhor porque a tiveram, era isso que eles verdadeiramente sentiam, ambos, ele e Marta, mas depois a barriga de Marta começou a crescer e depois tornou-se evidente para ambos que agora Deus Nosso Senhor lhes dera outro filho e quando já não restavam mais dúvidas agradeceram a Deus Nosso Senhor pela bênção de mais um bebê e desta vez seria seguramente um rapaz, agora era altura de o pequeno Johannes nascer, Olai estava absolutamente convencido disso, de maneira que agora o dia e a hora haviam chegado e estava a demorar tanto tempo, tanto tempo, pensa Olai, ali sentado à extremidade da mesa da cozinha na sua cadeira e apoiando a cabeça nas mãos, agora é altura de o rapaz vir ao mundo, isso era certo, a única coisa incerta era se viria vivo ou morto a este mundo ruim, sim, era isso que importava agora, pensa Olai, mas se o rapaz nascesse vivo não havia dúvidas quanto ao nome a dar-lhe, muito tempo antes dissera a Marta que deveriam dar à criança que ela trazia na barriga o nome do pai dele, Johannes, e ela não se opusera, sim, era um bom nome, dissera ela, dariam ao rapaz o nome do pai dele, o pai de Olai, Johannes, pensa Olai, e a que se devia todo aquele silêncio ali no quarto agora? terá alguma coisa corrido mal?

não parecia haver algo de errado quando a velha parteira Anna estava na cozinha à espera de mais água quente? não, na verdade não viu na velha parteira Anna sinal algum de que algo não estivesse a correr como devia, não, pensa Olai, e de repente sente-se mais calmo, sim, quase feliz é como de repente se sente, sim, é possível mudar assim num ápice, parece impossível, pensa Olai, agora um bebé, um menino, Johannes, verá a luz do dia, até agora na escuridão e no calor dentro da barriga de Marta cresceu com saúde e força, passou de absolutamente nada a pessoa, a rapazinho, sim, ali na barriga de Marta cresceram-lhe dedos nas mãos e dedos nos pés e um rosto também, olhos e um cérebro ali dentro e talvez um pouco de cabelo também, e agora ele virá, enquanto Marta a mãe grita de dor, ele virá ao mundo frio e aí ficará só, separado de Marta, separado de todos, aí ficará só sempre só e mais tarde, quando tudo terminar, quando a hora dele chegar, desvanecer-se-á e tornará a ser nada e regressará ao lugar de onde veio, do nada para o nada, é esse o trajecto da vida, das pessoas, dos animais, das aves, dos peixes, das casas, dos barcos, de tudo quanto existe, é, pensa Olai, e depois há muito mais também, pensa ele, pois embora seja possível pensar tais pensamentos, do nada para o nada, a coisa não se resume a isso, há muito mais do que isso, mas que tudo o mais é esse? o céu azul, as árvores onde as folhas crescem? o verbo que era no princípio, como diz a Sagrada Escritura, que permite a uma pessoa compreender coisas profundas e coisas superficiais, que tudo o mais é esse? não, como dizê-lo, quem poderá dizê-lo? porque provavelmente será o pensamento de

Deus, um espírito de Deus, que está em tudo, e transforma tudo em mais que um nada, lhe dá significado, e cor, e essa, pensa Olai, é a razão pela qual a palavra e o espírito de Deus estão em tudo, as coisas são mesmo assim, tem a certeza disso, pensa Olai, mas a vontade de Satanás também opera, tem disso igual certeza, e se um tem mais presença do que o outro, não, disso não tem de todo a mesma certeza, pensa Olai, porque eles guerreiam entre si, guerreiam para ver qual dos dois será o mais forte, e provavelmente o mesmo terá acontecido quando o mundo foi criado também, pensa Olai, que Deus criou o mundo e dele fez um lugar bom e que Ele é onnipotente e onnisciente como têm por hábito dizer os devotos, não, ele nunca acreditou inteiramente nisso, mas que Deus existe, não, não há nenhuma dúvida quanto a isso, porque Deus existe de facto, mas muito, muito longe e muito, muito perto, pois Ele está em todos, e que a distância entre o Deus longínquo e não onnipotente e cada ser humano não onnipotente diminuiu quando Deus se fez humano e viveu entre nós, quando Jesus andou na Terra, não, disso ele também nunca duvidou, mas que Deus tudo rege e tudo decide e que só por vontade de Deus tudo acontece, não, nisso ele não acredita, tão certo como ele ser Olai e ser pescador e estar casado com Marta e ser filho de Johannes e agora, a qualquer momento, vir a ser pai de um rapazinho que, como o pai, se chamará Johannes. Existe um Deus, sim, pensa Olai. Mas está longe, e está muito perto. E não é onnisciente nem onnipotente. E não cabe a esse Deus a regência exclusiva do mundo e da humanidade, sim, bem, Ele também está aqui,



mas foi interrompido e distraído durante a sua obra de criação, pensa Olai, e se é esse o entendimento que tem das coisas provavelmente há que considerá-lo pagão, ele não é capaz de sustentar a sua crença, não, não é capaz, mas também não pode fingir que não sabe o que sabe e que não viu o que viu, que não percebeu o que percebeu, e é difícil traduzir o que sabe em palavras, pois o que tem é provavelmente um conhecimento que não pode ser verbalizado, assemelha-se mais a uma preocupação do que a uma palavra, e o Deus dele, caso se visse obrigado a dizê-lo, não é deste mundo, é um Deus que pode ser vagamente pressentido quando nos desligamos deste mundo, altura em que, estranhamente, Ele se dá a ver, tanto na pessoa única como no mundo, pensa Olai, e consegue ouvir um pouco daquilo que o Deus dele quer dizer-lhe de cada vez que um músico toca bem, sim, nesse momento Ele está lá, porque a boa música desliga do mundo, claro, porém Satanás não gosta disso e por esse motivo providencia perturbação e crueldade em abundância de cada vez que um músico verdadeiramente bom toca e isso é horrível, pensa Olai, e agora, ali dentro do quarto, agora o pequeno Johannes está a lutar pela vida, o pequeno Johannes, o filho dele, agora é altura de o filho dele vir ao mundo, a este mundo duro, e este será porventura um dos mais difíceis desafios da vida humana, emergir da sua origem ali no corpo da mãe, na vida da mãe, e iniciar a sua própria vida cá fora no mundo duro, já uma pessoa está ligada à bondade de Deus tanto quanto a um deus menor ou a um demónio, não, ele tem de parar de pensar assim agora, tem de, isto, sim, não,

espera, sim, sim, pensa Olai, e põe-se de pé e ouve Marta gritar e ouve a velha parteira Anna dizer isso, isso, faça força, é isso mesmo, muito bem, Marta, e a velha parteira Anna diz uma coisa qualquer e uma qualquer coisa faz pressão na cabeça dele e a escuridão deixa de ser vermelha e macia e todos os sons e o constante latejo ah ah isso mesmo isso mesmo ah ah ah isso ah e ah oh muito bem ah eh ah eh ah o bramido ah a agitação ah o velho rio e a oscilação oh ah eh ah oh eh ah eh a água eh ah e depois eh oh tudo sim pff pff ah pff tranquilo pff e as vozes e depois este terrível som e a pressão eh ah eh e este frio que trespassa ah ah lixa raspando pedra em vai ah e ah vem e tudo quanto oh nos acontece e faz doer os braços as pernas tudo quanto existe faz doer os dedos e torce pff eh aperta oh tudo eh eh água tranquila eh ah oh ah e os ásperos grunhidos e as vozes eh hm ah ah hm ah ai ah e depois a eh luz oh ao longe ih ao longe tudo está noutra lugar ah ah e já lá não está mas ruge e depois um som e algo que o arranca de si mesmo e o arroja violentamente para o interior de qualquer coisa e depois as mãos e os dedos curvam-se dentro de outros dedos e tudo o mesmo de sempre já nada está onde se encontra numa casa na água num velho mar de reluzentes estrelas verdes que vão para longe vêm para perto e elas vêm e nada é claro mas um brilho atravessa tudo como se de uma estrela e uma suave e demarcada linha fria irrompe da terra e depois este silêncio ih um velho silêncio imenso que não vem de dentro mas que se eleva do que deveria ser e que não vem de novo, que desaparece, e o desaparecimento não é senão o de sempre e nunca o mesmo e depois

o claro grito radiante um grito claro como uma estrela e depois como um nome um significado um vento esta respiração uma respiração calma e depois uma calma uma calma calmos movimentos e tecido suave brancura não tão velha mas do mar um pano não escuro e vermelho mas seco e um terrível silêncio e depois uma mão e aquele grito desapareceu e tão macio macio como o vermelho e o escuro e macio e quente e tão branco e macio e quente ali entre os lábios e sólido e branco e tudo se põe calmo e depois que coisinha fofa olha só para ti que menino tão perfeito e és o menino mais lindo que alguma vez existiu és a coisinha mais fofa de sempre a melhor e mais bela coisinha Oh se és que belo rapaz sim É lindo Sim és o bem mais precioso É agora pai de um menino e macio e encharcado depois esta estranha quietude silente e depois oh oh oh e o branco oh e macio tão oh e rijo e oh oh assim assim oh oh e tão branco e depois quase quente e oh oh tão sereno Johannes chamar-se-á Johannes Será esse o seu nome sim e depois e se deixasse a ocasião escapar e ele não viesse a sê-lo Que rapaz belo e forte é o Johannes sim e para permanecer neste permanecer aqui onde nada mais Johannes será pescador como o pai dele É isso que Johannes será sim e tão calmo e sereno permanecerá e ali, e ali e então, então Olai está ali de pé, ao lado da cama no quarto, e vê o pequeno Johannes ali deitado no seio de Marta e tem os curtos e raros tufos de cabelo colados à testa alta e Marta está ali deitada de olhos fechados e a respirar calmamente em longas e constantes inspirações e expirações lentamente e o pequeno Johannes está ali deitado no seio dela e mama e mama

Que lindo menino és, diz Olai

Sim, um belo menino, muito perfeitinho, diz a velha parteira Anna

E correu tudo bem, diz ela

Correu tudo bem, com a mãe e com o bebê, diz ela

E agora precisam de descansar, estão exaustos, a mãe e o bebê, agora precisam de descansar, diz ela

Sim, e obrigado por toda a ajuda que prestou, diz Olai

Agradeça a Deus, diz a velha parteira Anna

E agora aproxima-se a altura de me levar de volta a casa, diz ela

Sim, farei isso, diz Olai

e Olai permanece ali parado e observa Marta e o pequeno Johannes ali deitado no seio de Marta, que agora se tornou grande e pesado, não se lembra de algum dia lhe ter visto o seio tão grande, está grande e branco e cheio de pequenas veias azuis e Marta está ali deitada com ar saudável e encantador, parece apenas infinitamente cansada e infinitamente calma também ali deitada de olhos fechados a respirar lenta e profundamente como se de um lugar de repouso distante do seu corpo, pensa Olai, ali parado no quarto ao lado da cama de olhos postos em Marta e no pequeno Johannes ali deitado no seio de Marta

Estás bem, Marta?, diz Olai

e ocorre-lhe que devia dizer alguma coisa, que não pode simplesmente ficar ali parado como um tonto sem dizer nada num momento destes, pensa Olai, parado ao lado da cama onde Marta está deitada com o pequeno Johannes no seu seio, e Marta não responde e Olai vê Marta abrir os olhos e fitá-lo e ele não lhe

Um menino está prestes a nascer — chamar-se-á Johannes como o avô e será pescador como o pai. Uma vida boa, é esse o desejo de quem o traz ao mundo, embora este seja um mundo duro, ruim e cruel. Um homem, velho e sozinho, morre — chama-se Johannes e foi pescador. É o seu melhor amigo que o vem buscar rumo a esse destino onde não há corpos nem palavras, apenas tudo aquilo que se ama. Antes do regresso definitivo ao nada, Johannes revisita o museu da sua vida, longa, simples e quotidiana, confrontando-se paulatinamente com a morte num constante entrelaçamento de real e alucinação, passado e presente.

*Manhã e Noite* é um romance sobre o maravilhoso sonho que é viver e a aceitação do ciclo natural das coisas. Numa linguagem poética e elíptica, inovadora e despojada, Jon Fosse condensa toda uma existência em dois momentos-chave, urdindo uma reflexão encantatória sobre o significado da vida, Deus e a morte.

«Jon Fosse foi comparado a Ibsen e a Beckett, mas a sua obra é muito mais do que isso. Em primeiro lugar, apresenta uma intensa simplicidade poética.»

*The New York Times*

«Fosse é um místico cuja linguagem dá vida à natureza, um poeta cuja voz faz a prosa cantar.»

*Dagbladet*

ISBN 978-989-564-189-5  
9 789895 641895



cavalo de ferro